



AMIZADES LÍQUIDAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ELOS (INTER)SUBJETIVOS NOS WEBLOGS

Marilda Ionta*

Universidade Federal de Viçosa – UFV

Marilda@ufv.br

RESUMO: Neste texto, busco problematizar as relações de amizade forjadas na cultura digital. Mais especificamente, discuto os vínculos sociais construídos em weblogs escritos por mulheres. A dimensão (inter) subjetiva da amizade, mediada na atualidade pelas novas tecnologias de comunicação, faz dessa prática social um *locus* atraente para compreensão dos deslocamentos que vêm ocorrendo na produção de nossa subjetividade contemporaneamente. Assim, a partir da análise de alguns blogs, indago sobre a pedagogia relacional e as políticas de amizade contidas nos blogs femininos e feministas na Internet, ou seja, nos vínculos sociais mediados por um novo saber técnico-científico que dá tonalidade à sociedade de informação.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade – Subjetividade – Cultura digital.

ABSTRACT: In this text I quest to analyze the relations of friendship forged at the digital culture. More specifically, I discuss the social entailments (links) builded at weblogs written by women. The inter-subjective dimension of friendship, nowadays mediated by the new communication technologies makes this social practice an attractive *locus* to understand the current shifts at our contemporary subjectivity production. Thus, starting of the some blogs analysis, I query about the relational pedagogy and the friendship policies comprised at feminine blogs at Internet, that is, the social chains mediated by a new technical and scientific knowledge that gives a new tint to information society.

KEYWORDS: Friendship –Subjectivity – Digital culture.

Os blogs podem ser interpretados como um rizoma, pois conectam forças diversas e seus agenciamentos são múltiplos. Num rizoma, afirmam Deleuze e Guattari, qualquer ponto pode ser conectado ao outro e deve sê-lo, não há ponto ou ordem fixa, ele conecta coisas de natureza heterogênea, como, por exemplo, língua, cultura, economia, política entre outras. Os rizomas são regidos pelos princípios da conexão, heterogeneidade, multiplicidade, acentramento, infinitude e metamorfose.¹

* Doutora pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-Doutora pela Universidade de Coimbra, Portugal. Atualmente é professora de História da Universidade Federal de Viçosa.

Nessa direção, um blog pode ser visto simultaneamente como: um dispositivo econômico oferecido como um produto de mercado no mundo globalizado e privatizado que surgiu em 1999 com o desenvolvimento do software, da Empresa do norte-americano Evan Willians; ele está associado a um saber teleinformático que nutre as relações de poder na atual sociedade da informação; é uma prática social de relação intersubjetiva que teoricamente põe em contato diversos sujeitos numa comunicação descentralizada, ou seja, é um lugar de interação social; é um texto, um espaço de narrativa de si ligado à cultura digital; e é um *locus* de militância política no atual espaço público fragmentado e sem totalização. Além disso, ele pode ser associado aos dispositivos de prazer e de lazer que regulam conduta e sentimentos na rede.

Assim, os blogs são regidos pela lógica da modulação e tal característica possibilita agenciamentos múltiplos desse dispositivo. Por essa razão, não é possível estabelecer um corte radical entre as forças que os atravessam, e as tentativas de classificá-los e conceitualizá-los correm o risco de enquadrar um objeto que em si é flexível, nômade, mutante e possui entradas múltiplas.

Neste texto, pergunto pelos efeitos de poder-saber e subjetividade que esse dispositivo tem gerado em nossa sociedade. Sem correr o risco do equívoco, os blogs podem ser considerados um dos fenômenos mais recentes da escrita na cultura digital que tem provocado deslocamentos significativos na comunicação entre as pessoas, em especial nas relações de amizade. E o que temos a dizer sobre amizade no contexto da cultura digital?

A princípio, vale dizer que a amizade nem sempre se constituiu numa relação privada e íntima, escolhida individualmente e sem ressonância política como a que conhecemos atualmente. Percorrendo os discursos e as práticas da amizade ao longo do tempo, pode-se observar que esse tipo de relação tem uma história própria, marcada por continuidade e rupturas.² Na Antiguidade Clássica, a amizade era considerada uma virtude cardinal e definia as relações políticas na pólis grega. Para Aristóteles, por exemplo, a política era uma forma de amizade, assim como a família. Aliás, na visão aristotélica contida na **Ethica Eudemia**, era na família que se localizavam as fontes e as

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 96.

² IONTA, Marilda. **As cores da amizade**: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. São Paulo: Annablume, 2007, p. 235.

origens da amizade, da organização política e da justiça.³ Ele comparava a amizade entre irmãos à democracia, e, por ser um processo de fraternização, a amizade era, em princípio, democrática. Nesse sentido, esse vínculo intersubjetivo forneceu aos gregos referências para vida pública, os cidadãos são amigos entre si ou irmãos como nos faz crer Aristóteles. Em Roma, a *amicitia* também era o valor que presidia o funcionamento da vida pública e se ligava à política por complexas relações, como a do *patrocinium* (relações entre patrões e clientes), a *fides* (boa-fé) e *officium* (confiança).⁴ Como escreveu o senador romano Cícero em seu conhecido texto **Lélio, ou A Amizade**, essa relação se funda na virtude da concórdia, ela é unanimidade em todas as coisas; acompanhada de benevolência e junto com a sabedoria é o que os homens herdaram de melhor dos deuses imortais.⁵ Nas sociedades antigas ocidentais, a amizade estava extremamente codificada e era regida por normas sociais de caráter informal cuja violação era passível de poderosas sanções sociais.⁶

Entretanto, cabe sublinhar, como fez Jacques Derrida, que esses tradicionais discursos sobre amizade são prenhes de significado político. De acordo com o filósofo, o cânone aristotélico-ciceroniano da amizade ilustra uma ordem social fundada no poder masculino, na veiculação de um modelo político democrático, ou seja, uma sociedade de irmãos em que as irmãs estão excluídas; são ficções falocêntricas da fraternidade, fantasmagorias democráticas que geraram diversas estratégias que alimentaram as políticas nacionalistas, eugenéticas, populistas e xenófobas.⁷

Contemporaneamente em nossa sociedade, a amizade perdeu sua ressonância política, sendo vivida e concebida como um ornamento afetivo compensatório às promessas frustradas de realização individual no amor romântico, à crise da instituição familiar e à solidão vivenciada na denominada “modernidade líquida”, para usar a expressão consagrada por Zygmunt Bauman.⁸ Nesse contexto histórico marcado por

³ ARISTÓTELES. **Ética Nicomaquea; Ética Eudemia**. Madrid: Gredos, 2003, p. 562.

⁴ ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 172.

⁵ CÍCERO. **Saber envelhecer e a amizade**. Porto Alegre: LP&M, 1997, p. 151.

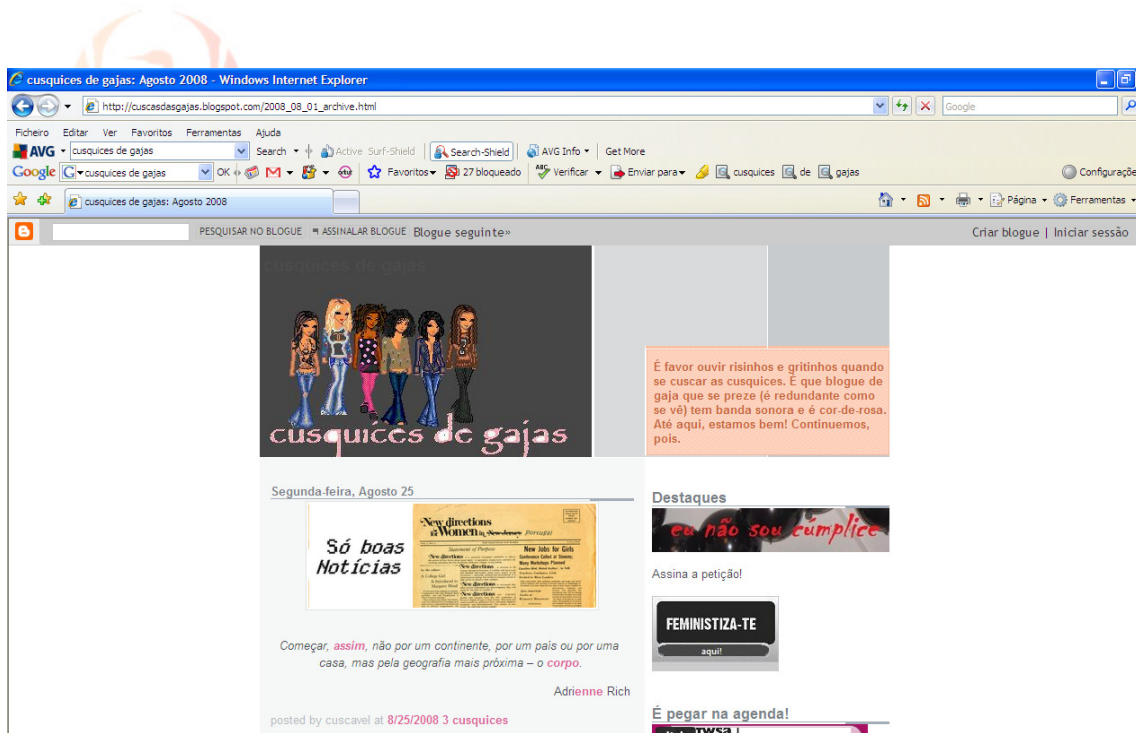
⁶ IONTA, Marilda; CAMPOS, Natália. Da arte da amizade entre antigos e modernos. In: M. Rago; PP Funari. (Orgs.), **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008, p. 254.

⁷ DERRIDA, Jacques. **Políticas de Amizade**: seguido de ouvido de Heidegger. Porto: Campo das Letras, 2003, p.384.

⁸ BAUMAN, Sigmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004, p. 190.

incertezas e liquefação dos laços sociais, a amizade merece ser repensada, especialmente, no que se refere a seu potencial transgressivo, político e público esquecido nas esquinas da história.

Partindo desse campo de reflexão, é que pergunto quais são as políticas de relação com o outro, empreendidas nas sociedades de informação, onde o blog, embora, com sua especificidade, seja apenas um entre outros dispositivos técnicos que possibilitam interatividade, como o Orkut e seus similares, as listas de discussão, os chats e os e-mails. Quais as possibilidades e os limites das relações intersubjetivas criadas no ciberespaço? É evidente que não existem respostas acabadas para essas questões, especialmente porque se trata de relações sociais em curso em nossa atualidade, mas podemos ensaiar alguns caminhos de reflexões entrando no acaso dos blogs. Neste texto, utilizo para análise os blogs www.oregabofe.blogspot.com, um blog individual com traços intimistas editado por uma jovem portuguesa; e o denominado www.cuscaldasgajas.blogspot.com, um blog coletivo ligado ao ativismo feminista em Portugal cuja página inicial é reproduzida a seguir.



Esse weblog é editado por seis jovens, que utilizam o anonimato para se apresentar publicamente. Recursos verbais e imagéticos são mobilizados pelas escreventes para construir uma cenografia cuidadosa e expressar as imagens de si que o

grupo de escrevente deseja tornar pública. Não há fotografias das gajas, isto é, das jovens, mas elas exibem um desenho cuja imagem aciona no imaginário a noção de jovens descoladas, abertas e modernas. Na falta de uma palavra melhor, poderíamos dizer que são jovens “pós-modernas”; usam colares, brincos, são diversas quanto à etnia e estilos, as roupas marcam contornos de corpos femininos. O rosa, tradicionalmente atribuído à feminilidade e ao feminino, é a cor escolhida para compor a cenografia do blog. Pois, como elas escrevem em sua apresentação, “cusca que se preze tem banda sonora e é cor-de-rosa”. É bom lembrar que a palavra cusquices em Portugal está associada a conversas de mulheres, no sentido pejorativo do termo, cuscar está ligado a fofocas de mulheres. Entretanto, ao lado dessa conversa de mulheres, culturalmente desvalorizada, encontramos uma agenda de eventos relacionados às atividades feministas tais como congressos, colóquios e eventos sobre educação sexual, entre outros. Filtrado pela identidade do grupo, consta no blog tudo o que elas julgam importante para ser divulgado, tanto do ponto de vista político quanto do social, cultural e acadêmico.

Logo no início da página, encontra-se um logotipo da Umar (União das Mulheres Alternativas e Respostas), indicando a vinculação do blog a um feminismo ativista em Portugal, como se lê nessa frase: “Associa-te, Umar não mata”. E assim elas convidam seus leitores e leitoras a se feministizarem. Nesta encenação construída pelas margens para formatar o centro do blog, ou seja, por suas cores, imagens, links, hiperlinks e agenda, o que sobressai são mulheres jovens, politizadas, atentas aos problemas contemporâneos colocados pela agenda do movimento feminista. Sobretudo, elas buscam resignificar aquilo que tradicionalmente se atribuiu às noções de feminino, feminismo e feminista. Para isso, utilizam uma narrativa crítica, ácida e irônica, em que o rosa e o feminismo combativo não se excluem, mas, ao contrário, compõem um novo cenário de luta para as mulheres na atualidade.

Trata-se de uma relação entre um grupo de amigas que habita a fronteira entre o público e o privado e exibe uma nova modalidade de ativismo feminista em Portugal. Uma militância marcada, entre outras coisas, pela leitura crítica das relações de gêneros, da sexualidade, dos direitos humanos, dos direitos sexuais, da violência doméstica, da homofobia, da heterossexualidade, da maternidade, da literatura feminista, como exemplificam os marcadores do blog que podem ser acessados com facilidade na rede. A crítica as tradicionais relações de gênero e a reescrita feminista empreendida pelas

jovens podem ser observadas, por exemplo, na divulgação e nos comentários de um post cujo tema é a personagem feminina de um livro infantil que narra as aventuras de Anita. Esse livro foi uma espécie de cartilha que perpassou a alfabetização de diversas gerações de meninas em Portugal. Sua narrativa é talhada pela ideologia da domesticidade feminina. E do ponto de vista político-pedagógico, pode-se dizer que está comprometido com formação das **fadas do lar**, como diria Virgínia Woolf. As cuscas divulgaram e se divertiram com uma nova versão de Anita a partir das capas produzidas por Gilbert Delahaye e Marcel Maruer. As imagens a seguir foram postadas por Cuscável, uma das escreventes, em 16.09.2008:



Como apontam as imagens, as escreventes dão aos seus leitores outras histórias das boas meninas, divulgam uma nova enunciação sobre o controle e a normatização da subjetividade feminina, sem recorrer aos discursos políticos tradicionais. Assim, longe dos discursos feministas das décadas de 1960/70, elas apresentam uma narrativa feminista mais leve, mais irônica, sem ser menos combativa por isso. A ironia e a

paródia parecem ser as formas privilegiadas das cuscas para atribuir sentido e significação às lutas empreendidas pelas mulheres contemporaneamente. Como afirma Linda Hutcheon, na paródia há uma imitação com distanciamento crítico tanto do texto original como do reescrito.⁹ Ela é uma forma de (des) locar, (in) tranquilizar ou (des) confortar e, certamente, esse é um dos objetivos desse blog.

Vale ressaltar que a escrita contida nos blogs e os recursos técnicos disponibilizados pelo programa permitem colagens, bricolagens, enfim, infinitas ressignificações e reescritas de texto, sons e imagens, colocando em cena, ou melhor, radicalizando a morte do autor anunciada por Barthes e Foucault nos anos de 1960, isto é, muito tempo antes da generalização da cultura digital.¹⁰ Uma nova linguagem com diferentes recursos tecnológicos produz intertextualidades utilizadas pelas escreventes das mais variadas formas, provocando as mais diversas sensações e sentimentos nas leitoras (es). Além disso, o dispositivo técnico do comentário contido no programa blog permite acompanhar as relações intersubjetivas estabelecidas nesse espaço virtual e apreciar as interações entre escreventes e leitoras (es), conhecidas e/ou desconhecidas.

A partir da observação dos blogs e de suas caixas de comentário e, mais especificamente, do blog cuscas das gajas, nota-se que há uma relação interblog, uma conversa e uma relação entre as escreventes e outra extrablogs, delas com demais leitoras/es, ou seja, com amigos virtuais constituindo uma rede de amizade que extrapola as relações duais, os pares de amigos normalmente encontrados quando se percorre a história da amizade. Vejamos um exemplo de constituição do campo relacional elaborado a partir do dispositivo interacional do comentário do blog, a propósito de uma declaração do político português Mário Creso sobre as mulheres de 09.03.2007:

Para mim, é a repetição do milagre que as mulheres portuguesas continuam a fazer. Estão nas filas dos transportes públicos às seis da manhã para ir para o trabalho e depois, à noite, em casa, vão mantendo tudo como se lá tivessem estado todo o dia. Face ao que fazem todos os dias, tudo o mais no País é realmente banal.

Eis os comentários do post:

⁹ HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 165.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992. p. 129-160.



Os comentários aqui expostos são das escreventes e se misturam com o de outros leitores também escreventes de blogs. Como se pode observar, eles são feitos por homens e mulheres, via de regra se caracterizam pela brevidade e sua narrativa pode ser irônica, de rejeição e/ou elogio. Vêm associados à exposição de crenças pessoais e frequentemente estão colados a lugares-comuns, a generalidades e redundâncias. Não é dito nada de novo, ou melhor, quase nada de novo nos comentários, uma vez que eles são muito mais opinativos do que informativos e fazem parte de uma escrita cotidiana. Porém, eles criam uma conversação rápida, uma copresença, a constituição imediata de um clima de intimidade, transparência e proximidade entre escreventes e leitores.

O que se pode notar até agora na pesquisa de alguns blogs e também no caso específico do blog cuscas das gajas é que as interações intersubjetivas realizadas mediante o dispositivo do comentário seguem a velocidade da ferramenta técnica, são instrumentais, da ordem do reflexo, rápidas e curtas. A relação com o outro é instantânea e, ao que tudo indica, a questão fundamental para os bloguistas parece ser o simples fato de estarem juntos, em partilharem sensações atribuindo ao *real time* uma importância crucial. Em outras palavras, a copresença produz a sensação de que se desfruta de uma relação íntima, não formal, portanto, verdadeira, já que o íntimo na tradição filosófica rousseauiana pressupõe relações autênticas. Nesse sentido, essas

relações são sentidas como verdadeiras e, em nome da autenticidade, tudo pode e deve ser falado no blog, sendo esse espaço representado como de liberdade de expressão.

O tempo e a privacidade que outrora foram fundamentais para construir a intimidade e consolidar o elo entre amigos, especialmente na modernidade dos séculos XIX e primeira metade do XX, não possuem nenhuma função nos novos ambientes virtuais. A ética do sigilo, da privacidade, da convivência e da permanência tão propalada pelos românticos, que vinha regendo as relações de amizade até bem pouco tempo atrás, como aponta a literatura epistolar, faz parte de um passado recente e distante ao mesmo tempo.

Na experiência atual de amizade na rede, não é necessária qualquer gênese histórica para que se possa entrar ou estar nas relações intersubjetivas. A cultura da intimidade na qual sentimento, introspecção e privacidade eram pilares para constituição do indivíduo-sujeito entrou em crise. Hoje nosso modo de subjetivação vem se tornando cada vez mais sensorial e, como alerta Jurandir Freire Costa, o problema da decadência da intimidade não é tanto sua transformação em mercadoria pela mídia quanto o desinvestimento nos processos de formação e manutenção da individualidade, pois a matéria-prima da antiga privacidade burguesa e romântica era a invenção individual de estilos de vida.¹¹ Nesse sentido, podemos dizer que habitamos a “era das sensações” e nela parece ocorrer um desmoronamento das amizades longas e duradouras que em um passado recente criavam possibilidades para os indivíduos encontrarem artes próprias de lidar com a vida.

Na rede, encontramos um estado permanentemente provisório de fruição, sensação, em que os recursos técnicos disponíveis estimulam nervos e corpos, enfim, o biológico, o somático e o corporal, deslocando sensivelmente as formas pelas quais os indivíduos esculpem a si mesmos. Essas condições culturais em que, entre outras coisas, a introspecção é substituída pela fruição das sensações e é tomada como critério de avaliação subjetiva levam alguns autores, como Denise Santana, a falar em subjetividade somática, do surgimento do homem somático para o qual o corpo e não a alma é objeto de fetiche.¹²

¹¹ COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor**: um estudo sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, p. 224.

¹² SANTANA, Denise. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, p. 127.

Nessa direção, é plausível dizer que as amizades líquidas da contemporaneidade, a despeito de sua força criativa, têm estimulado a biologização da vida e dos elos sociais. O que isso significa? Michel Foucault foi quem melhor explicou esse fenômeno, ele utilizou noção de biopoder para designar uma forma de poder cujo objetivo mais elevado é investir sobre a vida. De acordo com ele, dever-se-ia falar de biopolítica para:

designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente. [...] Mas, o que se poderia chamar de “limiar de modernidade biológica” de uma sociedade se situa no momento em que a espécie entra como algo em jogo em suas próprias estratégias políticas. O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão.¹³

Atualmente, na sociedade da informação parece ocorrer uma significativa intensificação – globalizada e privatizada – da biopolítica da sociedade industrial descrita por Foucault, que visava a administrar por meio de políticas públicas e do engajamento produtivo dos indivíduos a vida e sua reprodução planejada de acordo com parâmetros bem definidos.

Como apontaram Hard e Negri, inspirados em Foucault e Deleuze, as redes contemporâneas de produção biopolítica se fazem no interior de uma “sociedade de controle”.¹⁴ Nessa sociedade, o capitalismo vem fazendo da força de invenção sua principal fonte de valor e cafetinando os afetos a serviço da mais valia, e o resultado disso é a dissociação entre invenção e resistência.¹⁵ Assim, o trabalho de produção e de manipulação dos afetos em sua forma produtiva do corporal e do somático torna-se vital para o capital. Em outras palavras, capturar os afetos, esvaziá-los de seu potencial transgressivo e transformá-los em mercadoria, é crucial na “era das sensações”.

Como foi dito, nessa sociedade, as relações rápidas, fragmentadas, onde impera o tempo instantâneo e se impõe a ideologia da novidade a qualquer preço, têm

¹³ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 130.

¹⁴ HARD, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. São Paulo: Record, 2005, p. 506.

¹⁵ ROLNIK, Suely. O ocaso da vítima para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. In: _____. **Nietzsche e Deleuze: bárbaros, civilizados**. São Paulo: Annablume, 2004, p. 248.

provocado deslocamentos significativos no valor outrora atribuído à privacidade, à intimidade e ao estatuto do passado e, conseqüentemente, na constituição das subjetividades dos indivíduos. Nesse contexto, o corpo e o afeto são cada vez mais objetos de produção e exibição pública, como indicam certas práticas ligadas aos novos meios de comunicação em rede, em que o blog é apenas um entre outros dispositivos tecnológicos como os novos produtos da TV e do cinema, a exemplo dos *reality shows* e documentários da “intimidade”.

Segundo Lyotard, a privatização da vida pública e a publicização da vida privada são próprias do sujeito na pós-modernidade.¹⁶ Esse movimento parece marcar também as relações intersubjetivas da atualidade, na medida em que se observa uma de privatização da amizade e ao mesmo tempo sua exibição pública.

Essas reflexões não devem ser interpretadas como uma condenação aos avanços tecnológicos, mas como uma problematização dos processos de subjetivação atrelados a eles. Não quer dizer também que a partir dos dispositivos como os blogs e seus similares não se possam gerar relações intensas e modos de intervenção no espaço público, mas o estatuto dessas novas formas de relações merece ser questionado. Dito de outra forma, até que ponto as forças de inventividade liberadas por esse dispositivo estão associada à resistência, à construção de novas possibilidades de estarmos juntos ou estão sendo cafetinadas pelo capital?

Cabe ressaltar que na blogosfera existem forças desterritorializantes, acentradas, dispersas, com tonalidades democráticas que teoricamente possibilitam a comunicação instantânea e troca de informação e afetos entre as pessoas. Philippe Lejeune (2008, 346) interpreta a internet como “um meio de comunicação com o espírito de maio de 68”, entendida como um dispositivo que favorece a iniciativa individual, a intervenção pessoal e a vida associativa. Porém, nela há também forças territorializantes, oligopolísticas, destinadas a reproduzir políticas de grupos identitários e colocar em cena os valores de uma sociedade capitalista e individualista, e o próprio Lejeune reconhece que “onde quer que se esteja, o homem é igual... O mundo virtual não o torna melhor nem pior”. Ademais, vale ressaltar que no contexto da web 2.0 temos uma vitrine que oferece uma pluralidade de modos de viver, sentir, pensar e se relacionar, identidades “prêt-à-porter” facilmente assimiladas.

¹⁶ LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, p. 135.

Como exemplifica o blog cusquices de gajas, existem fluxos de forças que reanimam o feminismo, ressignificam a história das mulheres, em seu discurso não há um lamento ressentido e ataques vingativos, mas afeto vital, alegre, criativo, isto é, de resistência que abre possibilidades para novas lutas feministas. Entretanto, tais forças são rapidamente capturadas pela criação de um “individualismo em rede”.¹⁷ A internet fornece suporte material para um novo tipo de interação e dá visibilidade ao processo de privatização da sociabilidade no auge da sociedade do individualismo. Vale ressaltar que a rede não é apenas um suporte material, mas expressão técnica de uma trama e de desejos sociais, e no caso específico das relações intersubjetivas ela dá visibilidade ao processo paradoxal de privatização e exposição pública das relações sociais, bem como de um sujeito que se pretende soberano, autônomo e que é causa de si mesmo.

Atualmente, a escrita do blog indica uma atitude nova diante da vida, de um sujeito que se protege pela tela em espaços resguardados, não tem tempo para o outro, mas que busca alguma forma de conexão com mundo. A internet forjou dispositivos que conciliam numa mesma experiência o recolhimento privado e a busca pelo outro. A pergunta que se impõe é sobre o lugar e os efeitos político, afetivo e social desse tipo de ligação com o outro. As relações tecidas nos blogs são simultaneamente privatizadas e teatralizadas publicamente; são próprias dos tempos do *fast-forward* e do *real time* que encenam informalidade, transparência, intimidade e proximidade, minimizando o sentido do tempo, do espaço e da privacidade nas relações de amizade. Além disso, a exibição das relações e o tudo falar ou o falar livremente, nomeados por muitos como autenticidade e pluralidade de opinião, parecem estar gestando uma nova servidão: a de nada esconder. Isso, evidentemente, não ocorre apenas nos blogs, mas há uma linha de força que atravessa a atualidade nesse sentido, há uma saturação de fala, uma radicalização secular da confissão.

Fabiana Komesu, a propósito de analisar a relação entre o público e o privado na escrita dos escreventes de blogs na internet, afirma que esses constituem uma prática discursiva que substituiu uma escritura fundada na busca de si mesmo por outra calcada na busca do outro. Fazer ver e ser visto seria a função dessa nova modalidade de escrita.

¹⁷ Segundo Manuel Castells, a sociabilidade nas sociedades contemporâneas caracteriza-se por um “individualismo em rede”, um novo modelo de interação social e não uma coleção de indivíduos isolados. CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 243.

Para a autora, trata-se de um jogo enunciativo entre “a **publicização de si** e a **intimidade construída** na escrita dos blogueiros”.¹⁸

A autora sublinha que, a despeito da grande diversidade de blogs,¹⁹ há uma prática discursiva fundada em modo específico de enunciação, uma palavra de ordem fundada no dispositivo da exposição que pressupõe a existência de um sujeito vaidoso e narcisista. É o se pode extrair também do depoimento de uma bloguista, que diz que “ninguém escreve para gavetas”. Assim, seja um blog pessoal, profissional ou os híbridos, os bloguistas escrevem para serem lidos e buscam capturar o leitor, eliminar a distância e criar o cenário de intimidade.

Nesse sentido, concordamos com Sibilia²⁰ e Schithine²¹, que, na esteira da tradição de pensamento de Richardt Sennett, afirmam que o sucesso dos blogs está associado ao desenvolvimento da sociedade intimista e ao individualismo moderno da atualidade. Segundo Sennett, nessa sociedade, onde impera a cultura do narcisismo, a relação com o outro será tanto melhor na medida em que for mais autorreveladora do ser de cada um, ou seja, se destitua a alteridade.²²

A meu ver, a forma de enunciação dos blogs fundada na publicização de si e na tentativa de construção da proximidade e intimidade com os leitores se traduz em relações intersubjetivas que buscam a intimidade, a transparência, o consenso, a identificação, ou seja, aciona feixes de força das políticas de amizades pautadas na igualdade, semelhança e proximidade, como veicula a tradição discursiva aristotélico-ciceroniana da amizade. Vale lembrar com Nietzsche que onde há igualdade, semelhança, fusão e proximidade não há amizade, mas devoção e idealização.²³ O jogo

¹⁸ KOMESU, Fabiana. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da Internet. Tese (Doutorado), Instituto de Estudo da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005, p. 29.

¹⁹ De acordo com os dados apresentados pela tecnoratti, em agosto de 2008, dos 133 milhões de blogs indexados, 54% eram de *lifestyle*. Talvez seja por essa razão que, ainda hoje, o uso dos blogs como diário pessoal é visto por muitos autores como o uso mais popular da ferramenta, embora se reconheçam uma multiplicidade de apropriações e a existência de diversos tipos de blogs.

²⁰ SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>. Acesso em: 08/07/2008.

²¹ SCHITINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 235.

²² SENNETT, Richardt. **O Declínio do Homem público**: as tiranias da intimidade. 6 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1988, p. 447.

²³ NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Círculo do livro, p.334.

enunciativo presente nos blogs, ao estimular a proximidade e buscar minimizar a distância, se faz não apenas no sentido físico, mas comprime a distância entendida como alteridade, como heterogeneidade, diferença, gestos fundamentais para formação e transformação das subjetividades dos indivíduos-sujeitos.

Assim, se potencialmente a internet e, mais especificamente, os blogs podem ser interpretados como uma comunicação que põe em contato diversos sujeitos, cidadãos, ou movimentos sociais, numa comunicação descentralizada e à margem das corporações midiáticas, numa dinâmica de comunicação de muitos para muitos, como sublinha Castells,²⁴ de modo geral, o que se viu nos blogs pesquisados até agora, e no caso do blog das cuscas de gajas, é a formação de grupos, ou seja, a privatização das relações sociais construídas com base nos interesses, valores, afinidades e projetos como apontam também os links e hiperlinks desses blogs.

Nesse sentido, a despeito do potencial de encontrar o outro em sua radical alteridade, o diferente, o dissenso e o conflito, os elos intersubjetivos tecidos virtualmente parecem promover o encontro com o semelhante. Surge uma nova intersubjetividade, que, independentemente do corpo, espaço e tempo, aciona subjetividades semelhantes em rede, que estão atreladas a hardware e software disponíveis no mercado, sobretudo para aqueles que possuem acesso a esses bens. A princípio, vale destacar que as desigualdades de classe, gênero ou etnia são elementos caracterizadores de uma fratura digital e estruturante da agência dos sujeitos e da maneira como essas subjetividades se conectam.

Assim, as relações de amizade tecidas virtualmente, próprias da modernidade líquida, de um lado se aproximam dos tradicionais discursos aristotélico-ciceronianos da amizade, apontados por Jacques Derrida como ficções falocêntricas da fraternidade e responsáveis por políticas que estimulam a criação de grupos, da conversa entre iguais e que no limite alimentaram o nacionalismo e a xenofobia; de outro, tais relações rompem com essa tradição ao minimizar a questão do tempo e do espaço, são socioespacialmente deslocalizadas, tornam-se velozes, proporcionam encontros fugazes de muitos para com muitos, eliminando os “espinhos” que muitas vezes perpassam a

²⁴ CASTELLS, Manuel. **A galáxia internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003, p. 243.

convivência cotidiana entre as pessoas. Criam-se relações glocalmente assépticas, impermeabilizadas, livres de riscos e pretensamente controladas pelo indivíduo.

Para as escreventes do blog www.oregabofe.blogspot.com, trata-se de criar interações sociais cujo desejo é se proteger do corpo do outro. Em um post intitulado “Masturbação,” de 11.09.2008, uma de suas escreventes, miss Woody, escreve: “A masturbação é o melhor dos *autolinques*. Vivida no recato, não provoca vasqueiro nem inveja”. E um comentador escreve: “o que você diz sobre a masturbação não se aplicaria à amizade tecida na internet?” Infelizmente, a escrevente do blog não respondeu, mas poder-se-ia dizer que as amizades vividas e mediadas pela tela, envoltas de prótese de proteção, não provocam grandes problemas. Ou melhor, podem ser vividas no recolhimento, higienicamente e sem contaminação. Em outras palavras, as relações de amizade, controladas pelo *mouse* e pelos links a critério do navegador, evitam o indesejado e deletam com mais facilidade o outro, favorecendo uma espécie de engenharia genética das relações sociais, em que se escolhe a composição gênica que dará o melhor resultado final e se podem combinar as virtudes e os defeitos das espécies. Não seria essa prática uma nova eugenia social perversamente ligada ao mercado e assente nos produtos tecnológicos?

Os laços intersubjetivos, em especial de amizade tecidos nos blogs, expressam de certa forma o desejo de segurança e controle dos indivíduos em relação ao outro nas sociedades contemporâneas, onde o espaço público, espaço por excelência de contato com o outro, tornou-se o espaço do medo e da insegurança. Dito de outra forma, as relações intersubjetivas nos blogs exibem à sua maneira a materialidade do discurso do sujeito liberal autônomo, que, supostamente, pode regular e administrar sua vida e suas relações, e do sujeito que se pretende “liberado” e é causa de si mesmo, o que leva a aumentar a pressão sobre si e minimizar as exigências em relação ao espaço público.

A valorização dessa autonomia do sujeito traduz-se na “ação de escolher” seus interlocutores na rede, ou seja, aqueles com quem se quer manter relações. Isso quer dizer que não se trata apenas de uma modulação de relacionamento, mas de uma modificação na experiência da amizade e na forma de ver e se relacionar com o outro, ou seja, queremos ter amigos, partilhar sensações em comum, consenso, “cum-sensualis”, evitar a solidão sem grandes esforços e, ao mesmo tempo, desejamos emoções e sentimentos intensos. Atualmente, a humanidade está dotada de poderes que outrora eram imaginados apenas nas ficções científicas, como escreve Paula Sibilia:

Essas novas potências dos homens contemporâneos parecem estar marcando uma ruptura, que muitos começam a apontar como fim da humanidade (seja celebrando-o ou condenando-o), e o início de uma nova era: a pós-humanidade. Pois somente agora a criatura humana passaria a dispor, de fato, das condições técnicas necessárias para se autocriar, tornando-se um gestor de si na administração do seu próprio capital privado e na escolha das opções disponíveis no mercado para modelar seu corpo e sua alma.²⁵

É a tecnociência prometendo pílulas milagrosas que facilitam nossa vida e nossa convivência. Vale destacar que a ausência de qualquer sociabilidade que implique a convivência com o outro, inclusive com o indesejado, anula a experiência de alteridade, estimulando cada vez mais a cultura do narcisismo. Além disso, aciona feixes de forças que põem em ação um individualismo liberal que não intensifica a relação ética consigo mesmo, ou seja, de uma forma de individualismo que pressupõe o cuidado de si e do outro, como apontou Michel Foucault em seu livro **História da sexualidade III**; ou seja, um individualismo que exige a volta sobre si mesmo, em que se é chamado a tomar o si mesmo como objeto de conhecimento e campo de ação para esculpir-se singularmente e realizar uma construção individualizada de si para agir no espaço público como se deve.²⁶

Pautada na crescente transparência, na suposta intimidade, habitando as fronteiras entre o público e o privado, nômade e deslocalizada, as relações intersubjetivas tecidas nos blogs são cada vez mais efêmeras, líquidas, mutáveis e espetacularizadas sem, com isso, serem menos reais. Certamente, são novas relações que nos impõem o desafio de perguntar se ainda é válido e possível falar em amizade, ou se é necessário formular novas ideias sobre as relações entre as pessoas, capazes de conter as novas possibilidades que estão se abrindo em nossa atualidade para estarmos juntos.

²⁵ SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p.228.

²⁶ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p. 246.